

# MARCELO BERABA

**Entrevistadores:** Carla Siqueira e Caio Barretto Briso

**Data da Entrevista:** 24/10/2008

## **Qual o seu nome completo, data e local de nascimento?**

Meu nome completo é Marcelo José Beraba, eu nasci no Rio de Janeiro, em 29 de abril de 1951.

## **E quais os nomes e atividades dos seus pais?**

Meu pai era Elomir Beraba e ele era comerciante. E a minha mãe é Maria Ester Martins Beraba, e era do lar, dona de casa.

## **Havia algum tipo de envolvimento na sua família com o jornalismo? Como acontece o seu interesse por jornalismo?**

Não, não havia nenhum envolvimento com o jornalismo na minha família, exceto ler jornal. Meu pai foi autodidata. Fez primário, mas depois continuou estudando por conta própria e tinha uma biblioteca básica razoável em casa, pelo menos os brasileiros todos, Machado de Assis, José de Alencar, enciclopédias, essas coisas e assinava jornal. Recebia jornal em casa, todo dia a gente tinha jornal.

## **Que jornal?**

*O Globo*. E eu, desde que comecei a ler - e gostava muito de futebol -, eu comprava, com o que restava de mesada, o *Jornal dos Sports*. Havia um incentivo de leitura ali. Havia uma repressão grande, na época, em relação à história em quadrinhos: "história em quadrinhos deforma". Televisão nem se discutia: era uma vez por semana que se podia ver televisão à noite. Mas, mesmo a história em quadrinhos era um negócio que eu acabava lendo com culpa. Então, o que podia ler um pouco mais era o jornal. E eu comecei a ler jornal por causa de esporte também.

## **E onde você fez jornalismo?**

Na ECO, Escola de Comunicação da UFRJ [Universidade Federal do Rio de Janeiro].

### **Em que época?**

Eu entrei para a ECO no início de 1971.

### **Como era o ambiente e o curso nesse tempo?**

A ECO tinha passado por um período fortíssimo de repressão, de prisão de professores, expulsão de alunos. Isso, eu imagino que foi 1968, 69. Então, nós não vivemos diretamente a repressão ali dentro, mas a gente pegou as conseqüências disso. Ela funcionava na Praça da República, num prédio hoje que está desabando, completamente abandonado, esquina da rua Rio Branco. Havia um clima de pessoas que tinham sido torturadas, expulsas, de professores que tinham sido presos. E era uma coisa misturada, porque a gente tinha pouca aula de jornalismo mesmo. Era muito mais atividade política, discussão. Havia ali dentro alguns professores formais, alguns até ridiculamente formais, assim, tipo: telecomunicação era um coronel que ia dar - como se liga rádio, como é que é uma válvula, aquelas coisa todas que a gente... E tinha vários outros professores ali que eram libertários - vamos chamar assim - que davam Hegel, Heidegger, Foucault, Althusser e poesia. Então, era uma coisa bem estimulante sob o ponto de vista intelectual, era uma mistura de cultura *hippie* com Marxismo-Leninismo. Tínhamos pouco jornalismo de fato. Quer dizer, fora esses caricaturais, quem dava jornalismo de fato, para quem quisesse aprender, tinha o Nilson Lage, que foi um orientador de nós todos, e alguns outros também que tinham mais uma preocupação com o jornalismo: Heloísa Buarque de Holanda. Mas o clima era um clima assim, de muito mais de atividade, de comportamento, de crescimento nessa área intelectual do que propriamente de estudo de jornalismo.

### **Você estava, na época, em pleno governo Médici, não é?**

É. 1971.

### **Era o pior período da ditadura. O que você entevia como possibilidade de fazer jornalismo, naquela situação?**

Eu não associava jornalismo à política, nada disso. Eu resolvi fazer jornalismo quando eu estava no seminário. Eu fiquei no seminário de 1964 até o final de 66. Eu fiquei quase quatro anos no seminário.

### **Onde?**

Primeiro em Vila Velha, no Espírito Santo, depois em Mendes, aqui no interior do Estado do Rio. E ali tinha uma grande atividade literária, porque era uma

congregação de professores religiosos, mas educadores. Então, tinha uma atividade literária grande. Quer dizer, dirigida, coisa de igreja, mas tinha os clássicos brasileiros, os clássicos franceses e tinha uma coisa assim, de escrever muito. Desde então, eu tinha na cabeça que eu gostaria de ser jornalista, mas não associava “Eu quero ser jornalista por questão social, eu quero ser jornalista para...” nada disso. Era mais um achar que eu tinha uma vocação para escrever do que propriamente associar a isso. E eu começo a entender que é uma profissão associada à questão social mais já na prática jornalística.

### **Qual foi o primeiro jornal em que você trabalhou?**

Eu entrei para *O Globo* em fevereiro de 1971. Depois que eu saí do seminário, eu estudei no [colégio] Santo Inácio e, no final de 1970, eu fiz vestibular para a ECO. Foi o único vestibular em que eu me inscrevi, porque eu queria fazer para uma escola pública, que me desse condições de sair de casa, não precisar depender de anuidade, mensalidade, essa coisa toda da família. Então eu só fiz para a ECO e passei bem, passei em primeiro lugar. E no prédio onde eu morava no Rio Comprido... no prédio morava um... ele tinha sido já jornalista, mas ele já estava envolvido com a parte de eventos d’*O Globo*. *O Globo* sempre teve uma tradição de descida de Papai Noel, Dia dos Pais, Dia das Mães, Dia do Comerciário, uma tradição grande de comemorar, enfim, inventar. Isso desde a década de 30, 40, 50. Péricles de Barros era a cabeça disso nessa época e ele morava no meu prédio. E ele também tinha sido seminarista, então, ele se identificou completamente e quando eu passei ele falou assim: “Você vai procurar n’*O Globo* um fulano...” era o Pery Cotta. Aí eu fui, cheguei lá e falei: “Eu sou Marcelo, seu Péricles mandou procurá-lo, estou começando a faculdade”. Na verdade era fevereiro, eu começaria a faculdade em março. E ele falou assim: “Então começa amanhã. Você vem aqui, põe um terno e começa amanhã.”. Cheguei em casa e falei: “Eu tenho que comprar um terno, pai, porque eu não tenho terno, não tenho nada”. Fui comprar um terno e comecei a trabalhar.

### **Como era essa redação d’*O Globo* na época?**

Completamente diferente. Era o final de uma época, talvez o último ano daquela época, porque em 72, com Evandro Carlos de Andrade e com Henrique Caban há uma mudança total na concepção, na organização. Ali, naquele momento, era uma redação predominantemente pouco profissionalizada, era comum os jornalistas terem mais de um emprego. Quase ninguém tinha feito curso de jornalismo, quase todo mundo vinha de... Eu me lembro quando eu entrei, eu era o único cara que estava fazendo faculdade, começando a fazer faculdade. Quer dizer, tinha

jornalistas que tinham feito faculdade também, inclusive feito jornalismo na própria UFRJ, quando era Filosofia. Mas não tinha garotada como tem hoje. Logo depois começou a aparecer... caras também estavam fazendo, terminando a PUC [Pontifícia Universidade Católica] e mesmo a ECO. Pessoas um ano na minha frente ou mais ou menos junto comigo, como o José Castello, o Carlos Marchi, uma turma que começar a trabalhar também, logo no início da faculdade. Então, era pouco profissionalizada, era uma redação ainda muito promíscua. Até conseguirem estancar essa relação promíscua com Polícia, com o [jogo de] bicho foi um trabalho grande. A editoria de Polícia era uma editoria muito forte e era separada da Geral e Cidade, era uma editoria que tinha vida própria. Bom, Política praticamente não havia. A editoria de Economia começa a se formar nos moldes de hoje, acho que em 72, 73, já com Evandro. Havia repórteres que faziam uma coisa ou outra de Economia na redação inteira. Tinha separado o Segundo Caderno e é isso. A gente convivia com esses dois mundos: um que começava a se profissionalizar, alguns jornalistas *seniors* já com esse espírito de hoje. Logo em seguida, foram trabalhar lá o Luiz Lobo, o Luciano Moraes, que foi o primeiro cara que me orientou; Pery Cotta... Você tinha vários jornalistas com perfil novo, mas você tinha jornalistas ainda com aquele perfil antigo, de vários empregos, essa permissividade de relacionamento e tudo mais. E jornalistas muito envolvidos com Polícia, muito comprometidos com a Polícia.

### **E você começa a fazer o quê?**

Eu começo a fazer Cidade. A primeira matéria que eu tenho que fazer é acompanhar um outro repórter para fazer uma matéria na [avenida] Rio Branco. Tinham acabado de colocar cerca em algumas esquinas para diminuir o número de atropelamentos de pedestres [risos]. Fui para lá com o cara para a gente fazer a matéria, mostrando e fotografando. Eu escrevi sujeito, verbo, predicado, certinho, primeiro parágrafo, segundo parágrafo... E aí fui ficando. Depois já começava a sair sozinho. Mas sempre Cidade. Nesse período já havia uma preocupação grande com isso, mas no período seguinte, do Evandro, isso vai ficar muito mais forte, que era de ser um jornal de muito serviço, com uma cobertura muito forte de Cidade. O *Jornal do Brasil* também tinha uma editoria de Cidade muito forte, mas com o olhar um pouco mais para a Zona Sul. E *O Globo* tinha um olhar um pouco mais para a Zona Norte da cidade, depois ele incrementou ainda mais isso com... a gente tinha um projeto no *Globo* que era... a gente ficava – não me lembro mais o nome desse projeto – mas praticamente durante uma semana um grupo grande de repórteres ia e ficava só pegando queixas, reclamações... Dali ia fazendo matéria, acionando o Poder Público. Era uma espécie de embrião do que depois veio a ser o jornal de

bairro, que n' *O Globo* já existe há décadas. A editoria de Cidade tinha essa coisa muito forte de serviço. Ali eu fiz Cidade, fiz depois - não nesse período dessa editoria de Polícia, mas depois, quando com a unificação termina - a editoria de Polícia. Ela é incorporada à Geral, aí fiz muita Polícia. Havia uma mini editoria de Educação, que era com o Félix Athayde e fiquei nessa editoria de Educação durante um período. Depois eu fui para o Segundo Caderno d' *O Globo*, onde eu fiquei bastante tempo também.

**Quando Caban e Evandro chegam, acho que a partir de 1972, o que efetivamente muda?**

Olha, muda. (Falo isso posteriormente, pois na época eu era um repórter. Mas com a minha percepção hoje, conhecendo o funcionamento de redação, tendo sido executivo de várias redações, eu fui processando isso). Na época, eu não tinha nem noção que isso tudo estava acontecendo dessa maneira. Senti de que ali foi um corte; primeiro na questão da profissionalização, segundo na reorganização interna do jornal, com o objetivo de fazer o jornal ficar um jornal mais colado na população do Rio, no leitor. O jornal começa a se preparar para enfrentar mesmo o *Jornal do Brasil*. Começa a dar ênfase muito grande para algumas áreas, então tem essa reorganização da redação. Eu não saberia dizer as datas, mas, na minha cabeça, é quando você tem o fim da editoria de Polícia separada - ela vai para a Geral -; a criação de um núcleo de escuta mais forte, modernizado; a criação da editoria de Economia; um núcleo de Nacional, que tentava fazer Política, mas não conseguia com as restrições da Ditadura Militar. Tem esse núcleo de Educação. Coincide também com o início do vestibular unificado, então a Educação passa a ter um enfoque de cobertura de serviço para os pré-vestibulandos; começam a "pintar" os cursinhos no Rio de Janeiro. Eu tenho a impressão que o primeiro vestibular unificado começa em 71 ou 72. Isso tem uma influência grande na concepção da organização de editoria de Educação. E em relação à profissionalização, eles começam a tomar medidas com o objetivo de terminar com essa promiscuidade na relação dos jornalistas tendo mais de um emprego. No meu caso específico, eu cobria Detran e o [Henrique] Caban me chamou - acho que foi em março de 72 - e me disse: "estamos mudando tudo, você não vai cobrir mais Detran, você vai cobrir Transporte." Eu ganhava 600 cruzeiros - acho que era a moeda - "E você vai ganhar 1.800". Nesse episódio tem uma outra questão: o fim da concepção de setorista. O jornal - não só *O Globo* - mas todos os jornais da época tinham setoristas. Você tinha setorista no [hospital] Miguel Couto, no [hospital] Souza Aguiar, no Detran, no Palácio Guanabara. Essa idéia de setorista, que também propicia essa promiscuidade no relacionamento com a fonte, foi sendo extinta com a ação deles.

No lugar, foi entrando a idéia de especialização, de você estar preprado para uma cobertura e não para ficar ali todo dia indo no mesmo local tendo que "Ah, entrou um cara baleado aqui no Souza Aguiar". Não: você vai cobrir Saúde, ou você vai cobrir crime. Então, se tiver que ir para o Souza Aguiar, você vai para o Souza Aguiar. Mas essa cultura de organização por por setor durou ainda algum tempo, mas acho que um dos objetivos deles era exatamente acabar com isso. Tem uma hora que eles começam a acabar.

**Estávamos na Ditadura Militar. O quanto se sentia de ação da censura dentro d'O Globo?**

Era claro para nós todos que ali era um jornal que a gente tinha mais limitação do que outros jornais. Embora não houvesse uma coisa assim... quer dizer... era quase que uma auto-censura. Mas havia um espírito também de você tentar driblar isso de uma maneira inteligente. Mas não era driblar o editor... A própria redação, acho que o próprio editor envolvido, todo mundo estava preocupado... Tem que lembrar que a redação d'O Globo, nessa época, quando tem essa mudança toda do Caban, passa a ser praticamente de esquerda. Muitos jornalistas que foram para lá eram do Partido Comunista e muitos de nós, que não éramos do Partido Comunista, éramos ligados a uma organização ou outra de esquerda, na época. Então, havia uma relação de muita confiança interna, de crítica e tudo mais, mas todo mundo sabia um pouco os limites ali. Algumas coisas eram ridicularizadas. Por exemplo, o Saturnino Braga tinha sido o relator da CPI da Rede Globo, da Time Life. A gente já sabia. Para fazer qualquer coisa de Política, se aparecesse o Saturnino Braga, não saía no jornal. Então tinha umas listas negras, umas coisas que não era formalizado, mas todo mundo sabia. Era um ambiente de jornalistas com consciência, com formação de esquerda.

**É curioso você contar isso porque, de fato, fica parecendo uma incongruência, às vezes vira até um anedotário, quer dizer, os comunistas, o Roberto Marinho...**

Mas era muita gente mesmo. Tanto que quando tem uma – não lembro em que ano – quando tem a prisão do Luiz Paulo, do Azêdo e tudo mais... A grande célula que havia era dentro d'O Globo.

**É interessante pensar isso à luz desse processo de profissionalização, porque hoje, às vezes parece que essa militância vai contra o profissionalismo. Qual a sua visão?**

Eu acho que há períodos em que você é mais chamado – vamos dizer assim – para esse papel político do jornalista. E há períodos em que você é menos chamado para isso. Acho que são coisas diferentes. Ali, você realmente tinha uma resistência a um regime que para a maioria de nós não agradava. Eu não era um cara com uma formação política, mas eu tinha uma vivência de passeata. Pelo [colégio] Santo Inácio, os padres do Santo Inácio foram a todas as primeiras passeatas; 68 eu fui, tudo que é passeata eu ia. Alguns de nós não tínhamos uma formação Marxista-Leninista, mas a gente lia, a gente ia fazendo alguma coisa... Agora, tinha um grupo muito grande do PC [Partido Comunista], que tinha tido história na luta de jornalista, nas greves, essa coisa toda. E era bastante gente no jornal. Então, nessa época, a gente tinha isso. Logo depois eu me aproximo de uma organização. E aí, a gente começa a formar uma oposição sindical – não diria clandestina – mas a gente se reunia em Santa Teresa. Éramos poucos e a gente tinha como referência ser completamente contra o José Machado (o pelego que dominava o sindicato), mas também não ter afinidade nenhuma com o “Partidão”. Então gente se reunia em Santa Teresa... Álvaro Caldas, eu, Adalto Novaes, Sueli Caldas, o PC da *Globo* – que depois morreu naquele acidente que estava a Alice Maria também – um grupo que depois foi para Brasília, o Arthur, Lúcia. Era um grupo de uns dez, doze pessoas. A gente começou a fazer reuniões em Santa Teresa e depois na minha casa, eu morava no Leblon. Formamos uma oposição sindical, porque nós achávamos que o PC não fazia oposição sindical; o PC fazia uma conciliação nas chapas do Zé Machado. O PC tinha já indicado o Domingo Meirelles, que já era diretor do sindicato, o Davit Fichel era diretor do sindicato. Então esse era o clima. Depois a gente consegue derrubar o Machado e o Caó [Carlos Alberto Oliveira] é eleito. No momento seguinte, você tem a anistia e a formação do PT [Partido dos Trabalhadores]. Aí também tem um outro corte na redação, uma outra politização. Você não tem mais a politização nas organizações, elas estão já diluídas, debilitadas. Fica claro como as redações se dividem entre, majoritariamente, brizolistas - eleição de 82, PDT [Partido Democrático Trabalhista] - e uma parte ainda PT. Quer dizer, continua a forte politização num período de transição, de mudança, esse caminho da redemocratização, Depois, tudo entra numa normalidade. Hoje os jornalistas podem torcer [pelo candidato]: você vai à redação agora, uma parte está torcendo pelo [Fernando] Gabeira aqui no Rio; uma parte, em São Paulo, torce pela Marta [Suplicy], outra parte torce pelo [Gilberto] Kassab, mas não tem mais razões de vínculo político, partidário, “Pô, eu quero que o Lula se dê mal... Ah, eu quero que o Lula se dê bem... então eu vou votar...” Continua havendo uma politização nos jornalistas, mas a conjuntura, as circunstâncias – isso é uma interpretação minha – são completamente distintas daquele período em que

você tinha engajamento. N'O *Globo*, vários companheiros foram presos durante aquele período por atividade ligada a alguma organização revolucionária, alguma coisa assim. Vários do partido e vários que não eram do partido também. Então, acho que são períodos completamente diferentes, não considero nem que haja uma alienação. Agora, acho também que, na década de 80, nós todos fomos impulsionados para um grau ainda maior de profissionalização. Quer dizer, uma exigência maior. Os jornais se modernizaram, parte gráfica, parte industrial, o cardápio de assuntos deles ampliou muito, tinha temas, fomos exigidos em aprofundamento. Na década de 70, a gente cobria índio com um ponto de vista quase que folclórico, quase que romântico. Depois, fomos obrigados a... "Sem o mínimo de idéia de Antropologia, como é que você vai continuar cobrindo isso?" Então, foram chegando mais temas para cobrir e foi ficando mais complexo, mais aprofundado, com uma exigência maior na área, como, por exemplo, de Economia. O mercado exigiu que eles se especializassem mais rapidamente. Então, eu acho que isso marca a década de 80; os jornalistas foram obrigados a acompanhar a modernização das empresas jornalísticas, que se dá na parte industrial, na organização interna, na parte de relacionamento, de RP [Relações Públicas], de RH [Recursos Humanos] internamente. Porque foram obrigados a conhecer novos assuntos e se aprofundarem, acho que isso cria uma alienação em relação à Política, mas que eu não acho que seja uma alienação é... "Ah, pô... o pessoal..." não, é o seguinte, é uma opção pela profissionalização, mas o aprofundamento nessa profissão de alguma maneira te obriga a ser político, a ter uma cabeça política, a pensar. Por mais que você se aliene.

**À medida que vai acontecendo a distensão e a redemocratização e que há uma reorganização da sociedade civil nesse processo, isso também tem impacto sobre essa pauta e essa necessidade aprofundar? A sociedade pede ou cobra isso de alguma forma?**

Total. Eu acho que tem dois fatores que impactam bastante essa mudança toda. Um é um fator de mercado, econômico. As empresas passam a ter que ser, necessariamente, empresas industriais, organizadas, modernas. E também no sentido de não ter como você cobrir Economia de uma maneira superficial. Você não tem mais como acompanhar o crescimento econômico ou a crise econômica com repórteres que não são especializados, que não entendem de mercado financeiro, de industrialização, das fases da economia. Tanto o mercado pressionou por algum grau de especialização como as empresas foram se modernizando. E o outro impacto, acho que é político mesmo, ou seja, a saída de um jornalismo feito num regime militar e ditadura para um jornalismo feito numa abertura democrática



e depois numa democracia plena (num sentido de que não tem censura, os órgãos funcionam). Essas duas coisas mudam substancialmente. Os jornais que estavam mais atentos para isso se beneficiaram. Eu penso tendo como referência a minha vida profissional. Eu tive a sorte de trabalhar no *O Globo* no período em que ele se modernizou – década de 70 – trabalhei lá até 84. Ele se modernizou, se reorganizou, para fazer frente ao grande concorrente dele no Rio, que era o *Jornal do Brasil* e foi vitorioso nesse projeto, independentemente das conseqüências, que são nefastas: você ter só um jornal forte no Rio de Janeiro. Mas ele foi obrigado a se modernizar. Algumas coisas imitando o próprio *Jornal do Brasil*, em outras se diferenciando. Depois, eu tive uma outra experiência, uma grande sorte. Em 84, a *Folha de S. Paulo* cria o “Projeto Folha”. Em 83, a *Folha* é o jornal que puxa entre os meios a campanha das “Diretas” [Diretas Já] e em 84, o Otávio Frias Filho assume a direção da redação e cria o “Projeto Folha”, que é o projeto de modernização interna e do cardápio do jornal. É um projeto escrito que defende um jornalismo apartidário, crítico, moderno, pluralista. Então, são bases novas, definidas para essa sociedade que está mudando. Isso cria um manual de redação, já tem em mente criar *ombudsman*, começa a reconhecer erros, começa a fazer medição interna, criar metas. Então, há uma mudança na organização da redação, na forma de administração dessa redação. Então, o cardápio muda completamente, você está trabalhando agora mais livremente para a sociedade civil. É um trabalho que custou a “pegar”, nós não vínhamos de uma tradição de um jornalismo, por exemplo, investigativo. Então, a gente apanha muito no início. Não é que a gente não fizesse investigação, você vai pegar, ao longo da década de 70, vários casos. Mesmo 60, depois de 64, vários casos de jornalismo bem feito, bem investigado e assunto relevante. Mas éramos exceções. Não tínhamos uma prática de jornalismo investigativo durante a década de 70. Tínhamos alguns momentos disso. Vale lembrar que é exatamente o período em que há um ressurgimento do jornalismo investigativo nos Estados Unidos, que é *Watergate*, os documentos do Pentágono e a criação da FOIA [*Freedom of Information Act*], que garante o direito de acesso à informação pública nos Estados Unidos, que os jornalistas passam a utilizar. Aqui, nós tomamos conhecimento disso através do cinema e através do livro. Era coisa romântica para a gente, quase ficção, uma coisa distante, a gente não fazia isso aqui. Quando começa a se abrir, a gente começa a mergulhar, ter mais liberdade no jornalismo, a gente custa a aprender. A eleição do Collor [Fernando Collor de Mello], por exemplo, foi um marco nisso, porque os jornais mergulharam nessa cobertura. Quer dizer, na eleição não mergulharam tanto, mas depois do *impeachment*, mergulharam na investigação jornalística e fizeram muita coisa boa e fizeram muita coisa ruim. Ali é um marco, no *impeachment*, do jornalismo

brasileiro, porque eles se jogam todos na investigação jornalística e ali ficam claros os nossos limites de técnica de investigação jornalística.

**Em 1981, como foi a cobertura do atentado do Riocentro? Com toda a dificuldade imposta naquele contexto, é um momento que os jornalistas vão se esforçar...**

Esse é um dos momentos de investigação. *O Globo* não foi o jornal que puxou essa investigação, longe disso. Quem puxa a investigação de fato é o *Jornal do Brasil*, que localiza o pedaço da porta do [carro Puma]. Maurício Menezes, Fritz Utzeri, acho que o Fleury, o Lima... Vários foram os caras que cobriram. Enfim, o *Jornal do Brasil* tinha uma turma fortíssima e tinha mais liberdade – não saberia dizer se é liberdade – mas, enfim, era uma redação mais solta do que a nossa n’*O Globo*. Mas *O Globo* também foi fazer o trabalho.

**E deu furos...**

Deu furos. Eu acho que ele não deu os furos mais importantes, mas deu alguns furos durante essa cobertura. E eu não era o cara mais envolvido no Riocentro. Eu fazia parte do time de repórteres especiais, cobria um monte de coisa, mas era apoio, não era eu que puxava essa cobertura de jeito nenhum.

**Mas tem a história da foto que você consegue no [hospital] Miguel Couto.**

Isso foi um “dia de fúria”, um dia feliz para o jornal, que vinha levando um monte de furos importantes. Nesse dia, o jornal saiu com duas coisas importantes: essas fotos e um documento que ele levantou, que eu não me lembro mais qual é. A primeira página dele saiu com as fotos e a manchete que era um documento que o jornal tinha levantado, foi um dia melhor do jornal naquele momento da cobertura. A história das fotos é a seguinte: como eu disse, eu fazia uma cobertura de apoio - havia um núcleo principal da cobertura - e a minha pauta naquele dia tinha sido ir para o Miguel Couto, onde o capitão estava internado. O hospital foi completamente tomado pela Polícia do Exército. Então, estava cheio de jornalista. Ficavam na parte de baixo e todo mundo tentando alguma coisa: assessoria do Miguel Couto, os setoristas (quem ainda tinha setorista), mas ninguém estava conseguindo nada. Aí me ocorreu pensar isso: “Vou tentar ver se eu me aproximo de algum médico que me ajude”. Aí eu saí, os repórteres todos ficaram lá fora esperando alguma coisa, eu resolvi ir para a cantina e fiquei na cantina. Aí fiquei conversando com um, conversava com uma enfermeira, conversava com médico ali, jogando conversa fora até que sentou do meu lado, para tomar um lanche, um cara mais novo... Olinto. E aí a gente começou a conversar, eu sondá-lo. E a gente começou a ter

uma identidade em relação à questão sindical, eu estava muito envolvido na questão sindical naquela época e ele também estava envolvido com os médicos. E aí eu abri com ele. Ele falou assim: "Tudo bem. Eu vou, eu faço para você. Se você me arranjar uma câmera legal, preparar ela toda, porque eu não sou fotógrafo, eu tento tirar uma foto para você". Mas as câmeras eram enormes, tele [teleobjetiva]... Então tinha que ser um negócio direito. Aí eu chamei o fotógrafo que estava comigo, o Paulo Moreira, e disse assim "Estamos com uma possibilidade ótima. Prepara uma câmera, a menor que você tiver". Fotógrafo andava sempre com mais de uma câmera, aquelas malas imensas, o cara todo arriado, cheio de lente... E o Paulo fez isso. Preparou tudo, entregou para ele, ele guardou, subiu. Então, numa hora que o capitão foi tirado do quarto, ou da enfermaria onde ele estava, para ir para a sala de operações, no corredor, ele foi cercado por muitos médicos, vários médicos. E alguns médicos tiraram foto dele, com recursos próprios ali. E esse doutor Olinto também tirou. O médico era um garotão na época, mais novo que eu. Aí ele voltou, um tempo depois, e falou assim "Está aqui o filme". Voltei correndo para a redação e eram essas fotos, que ele pegou tudo ali, o cara arrebitado.

**Era possível identificá-lo?**

Total.

**Qual foi a repercussão dessas fotos?**

Uma puta repercussão jornalística. Era um pouco se *O Globo* estivesse à margem da cobertura. Quem estava na vanguarda da cobertura era o *Jornal do Brasil*. Então foi um grande furo, foi comemorado como um grande furo. E também teve uma grande repercussão de reação do Exército, uma reação muito forte. E aí, era isso que funcionava. A questão do doutor Roberto: ele tinha uma relação "carne e unha" com o Exército, com o regime militar – e devia segurar muitas coisas – mas tinha hora de jornalismo que ele "bancava". Esse negócio ele "bancou". Provavelmente o Evandro deve ter falado para ele "Doutor Roberto, isso aqui é bomba pura, jornalisticamente, para o jornal é importante" para passar essa idéia de um jornal que está ali cobrindo, dando furo, tendo informação exclusiva. Acho que naquele mesmo dia teve uma pressão muito grande em cima do Milton Coelho da Graça, que era o chefe da redação. O Milton jogou essa pressão para o Evandro e o Evandro, provavelmente conversando com o doutor Roberto segurou tudo e publicou.

**O médico foi descoberto depois?**

Ele foi descoberto, doutor Olinto. Acho que até pelo local onde ele estava, o ângulo das fotos [risos], era praticamente impossível não perceber que era ele. E ele foi transferido, foi punido, tiraram ele do Miguel Couto, mandaram para um hospital longe, de periferia. Mas depois ele deu a volta por cima, ele se dedicou muito à Medicina, foi ser Médico Sem Fronteira, ficou na África muitos anos, depois voltou. Eu o reencontrei há poucos anos, quando o *Fantástico* fez uma reconstituição desse caso.

**Beraba, esses são episódios que integram, talvez, um processo de aprendizado da imprensa, enquanto o país está no caminho da redemocratização. Como imagino também, talvez tenha sido também a eleição de 1982, que você já mencionou...**

A do Brizola?

**É. E que no caso d'O Globo, respinga sobre o jornal o escândalo da Proconsult. Como foi estar dentro do jornal nessa cobertura, qual aprendizado que você tirou?**

Para mim foi, talvez, um dos períodos mais importantes da minha vida, pelo seguinte: embora tudo indique que tenha havido realmente uma conspiração, pelo fato de respingar sobre *O Globo*, sob as Organizações Globo, principalmente TV Globo (menos o jornal e mais as organizações Globo, mas o jornal também publicou coisa), o jornal se sentiu na obrigação de fazer uma cobertura isenta e agressiva do caso. E eu tive a sorte de ser indicado para fazer. Eu fui o principal jornalista d'O Globo a cobrir e é uma cobertura que, para mim, foi importantíssima, porque não tinha meio termo, não tinha censura, autocensura, pedido de nada, pelo contrário, o pedido era: "Levanta tudo, vamos botar tudo". E tudo que eu trazia, a gente publicava. Foi uma experiência importantíssima, de uma cobertura extensa, longa. No Riocentro, eu também tinha feito muita coisa de investigação (como eu disse para vocês, circunstancial) – não só no Riocentro, em outras – naquele período de bombas, eu cobri muito aquela coisa da bomba: bomba na ABI [Associação Brasileira de Imprensa], bomba na OAB [Ordem dos Advogados do Brasil]. Na OAB, eu cheguei logo em seguida depois da bomba. Eu me lembro de eu tentando pegar peritos em bomba, tentando aprender, correr atrás. Depois aquele Roland Walter fiquei semanas e semanas atrás dele e a quem ele era ligado.

**Detalha um pouquinho como foi o processo de apuração do escândalo da Proconsult.**

A gente já pega na parte da Justiça. Ali eu comecei a acompanhar e a seguir. Primeiro, tive que tentar entender coisas que eu não entendia, de computador, de informática e como era possível aquilo tudo. Depois, ter que entrar na questão política mesmo, para saber se tinha alguma coisa por trás. Toda a investigação da Justiça foi uma investigação devagar, então, a gente tentava impulsionar. E era também um inquérito, depois um processo que corria em segredo, a gente não tinha acesso. Uma coisa que me beneficiou muito foi que a gente começou a dar muita coisa no *Globo*; eu comecei a conseguir as páginas do processo, o jornal dava íntegras, mas os outros jornais não conseguiam. Era um juiz que realmente não deixava a gente ver nada, mas ele era um cara muito vaidoso. Eu combinei com o jornal que ia começar a levar o fotógrafo (Não precisava levar fotógrafo, porque não tinha sentido fotografar o juiz todo dia). O fotógrafo que ia comigo era João Roberto Ripper. E eu conversei com ele assim: “nós vamos conversar com esse juiz. No final da tarde, depois de ouvir as testemunhas – que a gente não podia acompanhar – ele sempre desce, traz o inquérito, dá uma folheada ali e dá um resumo dele. Então, quando chegar nisso, você se coloca de uma maneira que, por trás, consiga fotografar as páginas do inquérito”. E o Ripper começou a fazer isso. Pegava assim “Pô, Doutor, dá para passar mais uma... mostra para a gente outra vez como é que é... volta não sei o que lá”. Chegava à redação, revelava e eram páginas e páginas e páginas do inquérito. Então, com isso, *O Globo* começou a dar íntegra, íntegra, íntegra do inquérito. Eu não acabei a cobertura porque, acho que esse caso foi se estendendo até mais tarde, depois eu saí do *Globo* e fui para a *Folha de São Paulo*.

**Mas e a conclusão do escândalo Proconsult, qual foi? Quer dizer, dos envolvimento...**

Não... Acho que foi inconcluso, pela parte de processo mesmo, foi inconcluso.

**Mas o que você foi apurando...**

...que tinha havido realmente uma manipulação no sistema.

**Com o envolvimento do SNI [Serviço Nacional de Informação]?**

Acho que nunca chegou nisso, não. Que eu me lembre, nunca chegou nesse ponto. Havia uma suspeita, mas não se chegava a esse ponto. E depois, é o seguinte, hoje em dia, acho que seria até uma coisa mais fácil, com o conhecimento que a gente tem nessa área de Informática. Tem que lembrar que aquilo ali era a “Pré-História”.

**E por que você sai do *Globo* em 1984?**

Eu já estava n' *O Globo* há muito anos e estava me sentindo parado. E eu tinha, nos últimos anos, me envolvido muito com sindicato. Embora eu todo dia fosse trabalhar, fizesse plantão, eu tinha uma dispersão ali dentro. Eu não conseguia me concentrar, quer dizer, me concentrava, fazia os trabalhos direito, era um bom repórter, repórter especial, mas tinha essa dispersão. Eu já estava cansado d' *O Globo*. Mas eu não podia sair, porque eu tinha imunidade sindical. Aí em 84, eu saio candidato por uma parte, que já não era mais oposição, era a situação, tinham derrubado o pelego, numa chapa conjunta. Aí tem o primeiro mandato, tem o segundo mandato, no terceiro mandato, que é em 84, eu saio candidato a presidente, batendo chapa antes de ser a chapa para concorrer mesmo. E eu perdi a eleição para o Zé Carlos Monteiro. Perdi a eleição para o Monteiro. Eu já não queria disputar o sindicato, porque eu estava querendo me dedicar mais ao jornalismo, queria me concentrar mais nisso e eu estava há quase dez anos entre oposição e sindicato, já dei minha contribuição, já fiz o que tinha que fazer, outras pessoas vão entrar. Então, já não queria ter sido candidato a presidente, mas as circunstâncias todas jogaram para isso. Aí, quando a gente perdeu, eu, internamente, dei graças a Deus. Logo em seguida, com isso terminaria minha imunidade. A *Folha de S. Paulo* fez uma troca grande de pessoal, porque saiu a sucursal inteira do Rio para um projeto novo do José Silveira, na *Última Hora*. Ficaram na *Folha*: Marcelo Fagá, o Fabinho, o Valério Meinel... Pouquíssimas pessoas. O resto todo foi com o Silveira - que era o diretor da sucursal - para o *Última Hora*. Aí, a *Folha* que tinha acabado de implantar o "Projeto Folha", o Otávio tinha acabado de assumir a direção do jornal, da redação do jornal, ele manda para dirigir a sucursal do Rio, Matinas Suzuki e o Matinas põe o Marcelo Fagá e o Fabinho como chefe. Eles me chamam para ir para lá. A mim e vários outros jornalistas: Alfredo Ribeiro, Fernando Paulino, Elvira Lobato, Maria Helena Malta. Vários de nós começamos juntos em outubro.

**Antes de chegarmos à *Folha*, uma pergunta sobre o sindicato. Saiu o Machado. E aí, o que passa a ser a luta sindical e como é a relação com os patrões nesse período?**

Era um período de muita mobilização, mas muita mobilização mesmo. Para você ter uma idéia, nós criamos n' *O Globo* - foi o primeiro jornal que fez isso no Rio - comissões de redação. Era uma idéia, uma concepção de organização, pela base mesmo, com eleição direta dentro d' *O Globo*. Havia uma mobilização muito forte em todas as redações, muito grande. Fazíamos assembléias - antes e depois de derrubar o pelego - de muita gente, centenas e centenas. Fazíamos no auditório da

ABI, pois no auditório do sindicato nunca cabia de gente. Era um período de muita participação. O primeiro objetivo foi derrubar o pelego, então isso foi as redações todas completamente ligadas. Depois a gente começou a ter, entre nós, divergências de encaminhamento de luta. Quer dizer, tinha divergência também na estratégia de derrubar o pelego, mas depois também nós continuamos tendo divisões na estratégia de como encaminhar. Por exemplo, a gente queria puxar greve de jornalista, aí o outro grupo era contra. Aí tinha assembleias de 300, 400 pessoas na ABI para saber se puxava ou não puxava greve. Nesse meio do caminho – não me lembro se a gente já tinha derrubado o Machado ou não – morreu o [Vladimir] Herzog. Há uma grande mobilização no Rio de Janeiro, a gente faz um ato ecumênico para ele, a ABI se enche. Então, é um período – final da década de 70 e um pedaço dos anos 80 – de muita mobilização e de muita reivindicação de quem trabalhava. Então, por exemplo, dentro do *Globo*, a comissão de redação d'O *Globo*, a gente trabalhava com a idéia de acabar com a obrigatoriedade da jornada de dez horas. Pela lei eram sete horas - cinco horas mais duas horas extras -, mas a gente trabalhava dez horas e era obrigatório. Hoje eu trabalho dez horas, doze horas, mas na época era obrigatório. Você pegava dez da manhã, vai sair oito da noite; pega oito da manhã, vai sair seis da tarde... enfim, dez horas era o mínimo. Então, nós brigamos com isso, brigamos com a questão de salário, dissídio. Na época, tinha muito a questão da produtividade e era época de inflação também. Então, havia uma mobilização muito grande tanto sobre questão salarial como questão de organização da categoria. A gente brigava, por exemplo, pela questão de sermos obrigados a fazer várias cópias, porque era uma cópia para a agência, uma cópia para a rádio, uma cópia para o jornal, uma cópia para a televisão... Hoje em dia a gente nem consegue entender que luta que era essa, mas a gente escrevia no papel com vários carbonos. E a gente foi conseguindo muita coisa, tanto dentro do *Globo*, as comissões de redação que funcionavam dentro do *Globo* como também depois no sindicato, a gente foi conseguindo, tendo muitas conquistas de salário, melhorias, dissídios mais favoráveis. É isso.

**Havia influências das filiações partidárias nessas cisões dentro do movimento sindical? Qual era a influência dos partidos nesse quadro do sindicato?**

Tinha sim. Você tinha um grupo grande do "partidão"[Partido Comunista], que depois rachou. De um lado eram Milton Coelho da Graça, Milton Temer e uma turma grande (que depois a gente passou a chamar de "euros", eram os "euros comunistas"). Tinha a turma que a gente chamava de "prestistas", que era Maurício Azêdo, Domingos Meirelles, Davit Fichel. E tínhamos nós, que era uma confusão.

Alguns de nós éramos ligados a várias organizações: MR-8 [Movimento Revolucionário 8 de Outubro], FOC [Fração Operária Comunista], AP [Ação Popular], PC do B [Partido Comunista do Brasil]. Convivíamos ali, mas tínhamos posições diferentes.

**A que organização você esteve ligado?**

É... Não tem problema falar isso mais, não é? Ação Popular Marxista-Leninista, APML.

**Beraba, conta um pouco do seu envolvimento com a imprensa alternativa.**

Era um envolvimento meu, mas praticamente de todo mundo. Todo mundo é exagero, mas uma boa parte das redações do Rio tinha uma dupla atividade. A gente falou da promiscuidade anterior, ter dois empregos, de assessoria. Esse aí você tinha dois, mas não era diferente, que o segundo era um compromisso político. Então, muitos jornalistas trabalhavam – uma boa parte deles anonimamente – para os jornais e alternativos. O Aguinaldo Silva, que era redator d’*O Globo*, por exemplo, antes mesmo do *Lampião da Esquina*, ele tinha sido editor de cultura do *Opinião*. Então, um monte de jornalistas trabalhava. Eu me lembro de ter feito. Como eu trabalhava n’*O Globo*, eu não aparecia, mas eu me lembro de ter feito matérias para o *Movimento*; não assinava. Eu estava lembrando agora: *O Bagaço* foi um jornal que era o Ronaldo Lapa, Narciso Lobo, o Luiz Arnaldo... Era um jornal [alternativo] também. Eles me chamaram, eu era um pouco mais velho que eles, mas já estava trabalhando em jornal um tempão, então parecia que era profissional. Então eu ia lá, me reunia com eles, reunião de pauta, eles querendo entrar em jornal. Então tinha muito esse envolvimento. Depois a gente, com um grupo grande, de jornalistas do Rio, ajuda a fundar o *Em Tempo*, que era um jornal, inicialmente, de frente política, de frente de organizações políticas e que a gente funda em São Paulo, Rio, Minas e Porto Alegre, principalmente, e que é uma frente que junta organizações marxistas, organizações trotskistas e eu passo a ser o diretor da sucursal do *Em Tempo*, eu estava lá no *Globo*, mas dirigia a sucursal do *Em Tempo* no Rio. E aí também aquela turma toda que tinha sido, que nós tínhamos criado a oposição sindical no Rio, aquela turma toda vai, entra para o *Em Tempo* e a gente faz uma sucursal forte aqui no Rio, com Álvaro Caldas, com a Clotilde Haussmann, com o Adauto Novaes, Sueli Caldas, Luiz Arnaldo, Ricardo Lessa, que outro dia lançou um livro. Então, era uma turma grande,. Aí entram jornalistas que tinham., ou eram diretamente ligados, ou eram de influência, ou simpatizante de MEP [Movimento pela Emancipação do Proletário], de MR-8, de AP [Ação Popular]; Marcos Aarão Reis, que tinha sido de outras organizações de



outrora. Aí depois tem racha, a gente sai completamente fora do *Em Tempo*, abandona. Mas durante bastante tempo, a gente conciliava essas coisas.

### **Quanto tempo mais ou menos dura o jornal?**

Acho que o *Em Tempo* começa em 1978 e dura 78, 79, 80. Não: ele vai durar depois um tempo, mas vai cada vez mais, ficando na mão de um grupo só, que são os trotskistas de Minas e do Rio Grande do Sul, que tinham mais organização e mais grana do que o resto, que era um bando de amadores. Aí eles vão tomando o jornal aos poucos e a gente vai perdendo a identidade com o jornal. Aí é criado o PT [Partido dos Trabalhadores] e uma boa parte dessas organizações se dissolvem para entrar no PT. AP, por exemplo, se dissolve nesse momento, porque queria o PT e a turma vai para o PT.

### **Era possível fazer um jornal diferente? Quer dizer: não era uma briga, uma discussão?**

Era uma discussão para tudo, mas aí, na minha cabeça, funcionava da seguinte maneira: eu era o diretor da sucursal, então falei assim: "Há duas instâncias: uma de política e uma de jornalismo. Então, na instância política vocês brigam" Aí vinham os representantes de comitê central de organização para discutir aqueles detalhes. Eu não tinha muito saco. Agora, a gente ia fazer jornalismo. Então, para a gente, foi um período legal, rico. Conseguíamos fazer no *Em Tempo* coisas que a gente não conseguia fazer no nosso cotidiano no jornal. A gente cobria todas as greves. O primeiro encontro de metalúrgicos no Rio de Janeiro, em São Cristóvão, da Confederação Nacional de Trabalhadores, que era só pelegos, mas tinha uma grande novidade. Pela primeira vez, vem para uma conferência dessa uns sindicalistas de São Bernardo (ainda não tinha estourado): era Lula, Alemão, Gilson, tudo mais. Então, o *Em Tempo* cobria direto, ficava lá, foi uma semana direto... Depois, todo mundo saía para beber cachaça com eles, fazia matéria grande. Cobrimos problema na rede ferroviária... Então a gente tentava dar uma cobertura jornalística para as questões sociais, para as questões políticas. E éramos muito criticados por isso – nós jornalistas – dentro do *Em Tempo*, porque havia uma identidade, mesmo estando ligados a organizações diferentes, nós jornalistas tínhamos uma concepção comum de fazer jornalismo, então, na hora "h", a gente se entendia. Os jornalistas se entendiam para tentar fazer um jornal quente, com informação exclusiva, bem fundamentado. Cada número que saía, a gente era criticado, porque a grande questão é a questão da Constituinte, como é que a gente vai trabalhar a Constituinte ampla, geral, irrestrita? Era uma coisa difícil, havia um embate político muito grande, mas a gente conseguia fazer muito jornalismo.

**E o que havia de censura ainda sobre a imprensa alternativa?**

Acho que não mais. Quando o *Em Tempo* surge não tem mais censura.

**Em que medida, até no período da censura, você acha que a imprensa alternativa fez jus a esse nome? Ela consegue dar para a sociedade uma visão alternativa, diferente daquela da grande imprensa?**

Não, para a sociedade como um todo, acho que não, mas para uma parte da sociedade, eu acho que sim. Tanto a imprensa alternativa mais política - como era o caso do *Opinião* e do *Movimento* - como a imprensa alternativa mais libertária - *Lampião*, *Beijo [da rua]*, *Ex*, *Extra*, o *Versus* também no início, *Com Jornal*, vários deles - tinham uma concepção muito forte de fazer jornalismo. Como o jornalismo estava muito envolvido com essa resistência, é claro que sempre tinha isso. Na minha cabeça, o que tinha essa concepção mais enraizada de fazer reportagem era *O Repórter*, que o Luiz Alberto Bettencourt dirigia. Você tinha uma imprensa alternativa bem diversificada nesse período. Agora, acho que ela tinha uma limitação muito grande, ela tinha uma circulação baixa. Fora *O Pasquim*, que eu não sei nem se pode se considerar uma imprensa alternativa, o resto tinha uma circulação muito baixa, não sei qual era. Mas havia uma disseminação disso no Brasil inteiro. Eu não estou me lembrando do nome do jornal, mas era feito pelo Lúcio Flávio, em Belém. O cara estava em Belém defendendo a Amazônia, fazia um jornal alternativo defendendo a Amazônia. Um dia desses, a gente trocou e-mail, aí eu falei, por outra razão: "Ih, cara, eu encontrei os teus jornais", ele falou assim: "Cara, nem eu tenho mais aqueles jornais". Então, era disseminado isso, a imprensa alternativa.

**Você entra na *Folha de S. Paulo* em 1984, na época do movimento pelas Diretas Já. Como é que foi estar na *Folha* naquele momento?**

É um processo muito rico, é um marco no nosso jornalismo, o "Projeto Folha", é um divisor de águas. Era um projeto muito criticado no início, mas várias coisas que ele implantou, outros jornais foram adotando como norma comum, normal, porque ela [*Folha*] não tinha inventado aquilo, eram coisas do que se fazia de melhor jornalismo nos Estados Unidos, na Europa, que ela adotou. Os outros jornais acharam que porque era ela que estava adotando... Por exemplo, ouvir o outro lado, ter manual de redação, essas coisas, às vezes, eram meio ridicularizadas. Mas depois, todos foram adotando. Então foi um marco sob esse ponto de vista, um marco de organização interna. Mas não foi uma coisa fácil, porque você tinha uma imprensa inteira que, de alguma maneira, tinha apoiado o golpe de 64; depois,

uma imprensa que, no meio do caminho, começa a resistir - *O Estado de S. Paulo* resiste, *Veja* resiste, *O Globo* um pouco menos, *Folha* mais ou menos, às vezes leva um "cacete" daqui, leva outro dali, mas a tendência, vamos dizer assim, era de aumentar cada vez mais a resistência e se descolar do Regime, que tinham ajudado a implantar. Então, nesse deslocamento, a *Folha* dá um salto muito grande, que é o envolvimento direto na campanha das Diretas Já. Quer dizer, ela mergulha na sociedade, mergulha no ânimo que empurrava a Sociedade naquele momento, que era um pedido de mudança, de modernização, de abertura, de oxigênio, de cultura. Ela capta aquele momento e mergulha. O projeto que ela implanta é um projeto de um jornalismo pluralista, crítico, moderno, apartidário. Então, a compreensão desse projeto pela sociedade, principalmente da sociedade paulista, foi muito difícil, porque o entendimento era o seguinte, você ser crítico, pluralista, apartidário, significa você ser a meu favor, dessa sociedade que estava lutando contra o Regime. Quando ela começa a praticar, de fato, um jornalismo pluralista, apartidário e crítico, ela começa a mexer com todo mundo. Para ser coerente, ela vai mexer com o PMDB [Partido do Movimento Democrático Brasileiro], com o MDB [Movimento Democrático Brasileiro], com o PSDB [Partido da Social Democracia Brasileira], com o PT, todos eles, de alguma maneira. É bom lembrar que todos nascem em São Paulo, quer dizer, PSDB nasce em São Paulo, PT nasce em São Paulo. Então, tanto PSDB quanto PT tinham na cabeça que a *Folha* era PT e PSDB. Quando a *Folha* começa a ser, de fato, crítica, investigativa, há uma frustração, há um rompimento. Então não foi fácil esse jornalismo. Em 89, eu fui para São Paulo. Final de 88 e 89 eu sou editor de Política na primeira campanha eleitoral de Presidente da República e a gente cria um caderno. Quer dizer, além de editar o caderno diário de Política, a gente cria um caderno chamado "Direta Já". Era um "Deus nos acuda", porque a gente batia em todo mundo, a gente estava investigando todo mundo. E havia uma incompreensão total, como é que o jornal pode ser crítico em relação ao Fernando Henrique Cardoso? Como é que o jornal pode ser crítico em relação ao Ulysses Guimarães? E essas foram pessoas que estavam nas "Diretas Já", que se identificaram com a *Folha*, que viram no jornal o instrumento, ferramenta, veículo dessas mudanças todas. Então, o caminho que ela trilhou, a partir dali, foi muito difícil. Eu acho que, com o tempo, isso foi sendo compreendido. Embora até hoje tenha ressentimentos dos dois lados.

**Você foi como editor de Política para a *Folha* no momento das eleições de 1989. Você entrou na imprensa em 1971, então, embora você estivesse ali como editor, era sua primeira cobertura de eleição direta?**

Não, no Rio eu tinha vivido a campanha de governador em 1982. Nós tínhamos coberto, mas para presidente da República foi a primeira.

**Sobre isso, quais foram as dificuldades para a imprensa, nesse momento, ao fazer a cobertura de uma eleição direta para presidente pela primeira vez?**

Foi um desafio muito grande. Qualquer jornalista que tinha tido alguma experiência de cobertura já tinha coberto em 1961, que foi Jânio [Quadros]. Portanto, o cara tinha que ter 50, 60 anos. Na minha equipe, havia até alguns *seniors*, umas pessoas mais velhas, como o Pedro Del Picchia, mas ninguém que tinha coberto o presidente da República. Então, nós estávamos começando do zero, era uma questão de falta de experiência. Segunda dificuldade: não só nós não tínhamos experiência de cobertura, o país não tinha experiência, os candidatos não tinham experiência. Mas as técnicas, a tecnologia, tinham avançado em outros países. Então o Collor, por exemplo, é a vanguarda da modernização da eleição no Brasil. É um cara que se pautou pelas pesquisas, em 88, 89, ele vê o que as pesquisas estão indicando, qual é o perfil do cara que está indicando. Ele tem a capacidade de entender a Legislação, o que Legislação favorecia e se associar a pequenos partidos para ter aquele horário gratuito, ao longo de 89, para se fazer conhecido. Ele constrói uma imagem, imagem de antimarajá, do cara forte, destemido, macho, um cara nascido no Sul, mas que tem “pé” no Nordeste. Então, isso tudo é novo para nós e para os candidatos em geral. O Collor foi uma exceção ali. Se você pegar o que era a campanha do Ulysses, era de uma indigência total... [Mário] Covas: era tudo amador diante do que são hoje as campanhas eleitorais. Eram muitos candidatos. Então, acho que de certa maneira, todos nós estávamos aprendendo. O que eu acho que foi legal na *Folha*, em função desse “Projeto Folha” e do tipo de gestão que o Otávio [Frias Filho], junto com os primeiros secretários de redação dele, o Carlos Eduardo Lins da Silva e o Caio Túlio, foi a implantação, no jornal, de uma cultura de muito planejamento. Eles implantaram duas coisas muito fortes na *Folha*, a partir de 84: planejamento e crítica/autocrítica. Então, nós planejamos muito a eleição de 89, exatamente por não termos conhecimento. Como eu sou indicado para ser o editor – acho que em janeiro ou fevereiro – e eu me preparo mesmo. Começamos a fazer reuniões e mais reuniões sem parar, pensando: “como é a eleição nos Estados Unidos? Quais são as novidades na eleição americana? De que maneira se cobre?”. Aí vem alguém e fala assim “Ah, tem um tal de Marketing Eleitoral”. “O que é o Marketing?” “é a imagem. Hoje se trabalha nos Estados Unidos assim. Se trabalha a imagem, a imagem é mais importante”. “Mas o que é trabalhar a imagem?”. Então a gente falava assim “Ah,

mudou o óculos”, então a gente ficava atento, assim “Ó, o Maluf mudou o óculos dele”... “Bom, então ele está querendo sair de uma imagem, porque o óculos dele era pesado, quer fazer uma imagem mais leve, para ficar mais aceito”. A gente ficava aprendendo tudo, atentíssimo, e conversava com os poucos marqueteiros que havia. O Collor começa a trabalhar com Vox Populi. O Datafolha já estava funcionando, já existia há algum tempo. A gente mergulha no Datafolha: “Vamos fazer pesquisa qualitativa, não só quantitativa”. Era uma novidade, mas a gente se preparou muito para isso. A gente botou repórteres que a gente chamava de carrapato, cada candidato tinha dois repórteres, a gente percorria o Brasil inteiro com eles. E a gente começou a ter um trabalho muito grande de investigação jornalística, um trabalho consciente e muito forte. A *Folha*, naquele momento, consegue revelar do Collor muita coisa que ninguém sabia, como os contratos secretos com os usineiros. A imagem dele era de que era um cara contra os usineiros. E, no entanto, ele tinha feito dois acordos altamente lesivos ao Estado de Alagoas com os usineiros, abrindo mão de impostos. Ele tinha contratado a Zélia [Cardoso de Mello] sem licitação. A gente nem conhecia a Zélia, a *Folha* publicou matéria. Ilegalmente, ele usava funcionários públicos na campanha dele. Ele fez promessas que ele nunca cumpriu, que a gente ia verificar “Ah, o Collor fez três mil casas em Alagoas”, a gente mandavam, imediatamente, repórter para Alagoas, contava casa e não tinha nada disso. Então, a gente fez um trabalho muito forte de investigação, não só do Collor, de todos eles, mas principalmente do Collor, porque era um cara que a gente sabia que era mais... A gente revela, já na campanha em 89, o Paulo César [Farias]. Depois ficou uma imagem – eu participei de muitas discussões depois disso – de que a imprensa foi muito omissa nessa eleição de 89, que ela não apresentou para a sociedade quem era de fato o Collor. Em geral, tem razão, mas em relação à *Folha de S. Paulo*, é uma crítica injusta. É só pegar a coleção dela toda que você vai ver como nós fizemos reportagem investigativa, a gente não saía de Alagoas. Clóvis Rossi, Gilberto Dimenstein, Elvira Lobato... A gente não saía de Alagoas. Onde ele ia... A gente pegou coisa muito grande.

**Você acha que a imprensa, de um modo geral, ficou um pouco refém da imagem do Collor como o “caçador de marajás”?**

Eu não sei o que aconteceu nas redações. Eu acho que, primeiro, a *Folha* estava muito motivada. Essas coisas todas têm sempre a ver com o mercado, de alguma maneira. A *Folha* estava motivada, a *Folha* queria se firmar como um grande jornal independente, um grande jornal moderno, um contraste nítido com o que era *Estadão*. Então, ela pegou os caminhos dela. O que é o caminho da modernidade numa cobertura eleitoral? Fernando Rodrigues já tinha passado pelo *Estado* e

trouxe uma cultura de Marketing Eleitoral.; a gente discutia leitura de pesquisa. Então, tinha essa coisa na cabeça da gente. A *Folha* tinha uma intenção muito forte de fazer isso para se firmar como um jornal de informações exclusivas, um jornal crítico. No meio da campanha ou quase na reta final da campanha, a *Folha* publicou um anúncio que eram frases de todos os candidatos putos com a *Folha de S. Paulo*. Covas reclamando bravamente, o doutor Ulysses, o Aureliano, o Maluf, o Collor, todo mundo. Ela colocou assim: "De rabo preso com o leitor"; se todos estão criticando a *Folha*, é porque a *Folha* está no caminho certo. Ela tinha essa coisa clara na cabeça, como foi para ela fundamental, importantíssimo, furos como da Ferrovia Norte-Sul, do "buraco do cachimbo", da revelação do acordo secreto do programa paralelo nuclear do Brasil, que a gente revelou no Rio de Janeiro. Já havia um espírito grande da *Folha* nesse sentido, isso eu acho que é um fator. O outro fator, eu acho que os outros jornais estavam ainda cobrindo meio rotineiramente, acho que eles não perceberam. E acho que é possível que tenha havido também restrições em vários jornais. Eu me lembro de dizerem para mim que algumas das matérias que nós tínhamos publicado, alguns jornais também tinham e não publicaram. Foi bom, pior para eles.

**Beraba, a gente faz agora um pequeno salto no tempo, indo para a sua segunda passagem na *Folha de S. Paulo*. Qual a avaliação que você faz do período em que você foi *ombudsman*, durante três anos?**

Sob o ponto de vista profissional, foi muito importante para mim, minha vida profissional, meu amadurecimento profissional, mas foi um período muito difícil. Eu acho que foi o período mais difícil da minha vida profissional, porque me obrigou, durante esse período, a ter um olhar distanciado do jornal. Eu assumo em 2004, eu tinha trinta e poucos anos de profissão, sempre em grande redação e sempre envolvido com produção jornalística. Eu tive períodos de editor, como esse período da eleição de editor de Política, editor de Cidade, mas foram curtos, nunca foram as coisas que eu mais gostei. Eu sempre gostei de produção jornalística, de pauta, chefia de reportagem, a própria reportagem e tudo mais; eu sempre tive essa cabeça de produção. Ao olhar para qualquer coisa, eu vejo ali uma coisa. Então, eu tive que parar e pensar completamente diferente, ler o jornal de uma maneira completamente diferente, ler o jornal com o olhar do leitor. Quer dizer, eu sou o defensor do leitor. Não interessa se eu estou entendendo ou não porque o jornal está cometendo esse erro. Interessa o seguinte: é um erro grave e isso prejudica o leitor e prejudica a credibilidade do jornal. Isso foi uma mudança total no olhar o jornal, no ler o jornal, no entender o jornal. E foi positivo também, porque, para fazer isso, me obrigou e me deu tempo de ler muita coisa sobre isso, sobre

observatórios, sobre como setores da sociedade vêem a mídia, acompanhar muita discussão sobre isso. Eu tentei, durante esse período meu de *ombudsman*, trazer para a coluna de domingo, onde tem a crítica de domingo, esse olhar da sociedade. Frequentemente eu trazia as ONGs... "Que organização tem alguma reflexão sobre o papel da imprensa nesse tipo de cobertura, seja violência, educação, mulher, enfim, quem tem essa reflexão?", aí eu procurava trazer para o jornal. Então, isso aí foi super positivo. Foi um período muito difícil, porque para você exercer isso na plenitude, na independência e autonomia que a função exige e que está garantido pelo teu contrato com o jornal, você fica no meio de uma pressão fortíssima entre os leitores muito irritados - porque o leitor que procura o *ombudsman* está puto da vida, está irritado, já está insatisfeito - e a redação. No caso da *Folha*, ela começa o *ombudsman* em 1989, eu fui em 2004. Por mais tempo que tivesse, havia uma cultura interna de crítica e autocrítica, mas é sempre doloroso: você trabalhou até tarde, se matou, botou cinco repórteres e aquilo sai ruim; aí chega um infeliz no dia seguinte de manhã e fala assim: "a cobertura está péssima por causa disso, disso e disso". É difícil para o cara. Então você fica entre uma redação que tem uma tendência corporativa de defesa e de um leitorado cada vez mais bem informado, cada vez mais com acesso irrestrito à informação, cada vez mais crítico em relação ao que ele recebe, pressionando, não se conformando, e com uma ferramenta nova para fazer isso, que é a Internet. Antigamente, o cara, para criticar um jornal, ele ligava para o jornal, alguém atendia lá e fingia, depois desligava para não pegar crítica nenhuma. Ou então, mandava uma carta, que o cara publicava ou não publicava. Hoje em dia, o cara por e-mail vai pressionando. E tem leitor muito agressivo, leitor que chega a ser desrespeitoso. E com um agravante pelo fato de ser um jornal de São Paulo, ou seja: você tem o berço dos dois principais partidos desse país; a cidade é dividida entre PT e PSDB, o leitorado também está dividido, os dois se identificam. Então, como trabalhar isso? A *Folha* vende hoje 300 mil exemplares. Só em São Paulo tem 12 milhões [de habitantes], ela deve circular em São Paulo uns 150 mil exemplares, então é zero diante da população. Esse zero que compra o jornal é professor da USP [Universidade de São Paulo], é microempresário, empresário, então ele é altamente qualificado. É um ambiente muito acirrado. Eu peguei duas eleições como *ombudsman*, peguei a eleição municipal de 2004 e peguei a eleição presidencial de 2006. Esse confronto é elevado a um potencial enorme. Acaba sendo uma coisa muito desgastante, muito pesada para você levar, se você quer levar de fato. E levando de fato, você, de alguma maneira, deixa o jornal numa situação difícil. Eu tive grandes questionamentos na *Folha*: "Olha, essa cobertura não está imparcial, não é imparcial". E o jornal ficava louco, porque a posição dele, os dogmas, os

mandamentos - são quatro: imparcialidade, pluralismo, modernidade e crítica. Se você está dizendo que não é parcial, você está atingindo o valor, está questionando um valor que coloca publicamente como um valor seu. Então é muito difícil.

**Recentemente, a *Folha* deixou de publicar as colunas diárias que saíam na Internet. Aliás, fator que motivou a saída do Mário Magalhães [o *ombudsman*]. Aliás, saída não, a não renovação. Você viu isso como um passo atrás, no sentido da transparência do jornal, ou não?**

Não, eu não vi como um passo atrás. Eu vejo o seguinte, eu acho que o Mário tinha razão porque, de alguma maneira, ele assumiu com esse compromisso do jornal de tornar as críticas internas, públicas. A crítica interna, ela nunca foi pública, ela nunca foi pública, durante todo o período de todos os *ombudsmen*. Ela começou a ser pública no final do mandato do Bernardo Ajzenberg, que é o meu antecessor. Eu assumo com ela pública e eu me lembro que havia um questionamento do jurídico do jornal, desde que o Otávio decidiu que ela seria pública na Internet, o jurídico questionava porque a crítica interna, você é mais duro ainda, você é mais, e você vai pegando minúcias, não é a crítica de domingo. Você pode ser até mais duro na crítica de domingo, mas no domingo você fala uma coisa mais geral, na crítica interna você vai pegando o varejo, o miúdo. E o jurídico argumentava que aquelas críticas estavam sendo utilizadas por pessoas, com processo na Justiça, contra a *Folha* "Segundo o *ombudsman*..." utilizavam aquilo e que é um argumento para ser levado em conta. Você quer ser transparente, mas não quer ser suicida. Então, havia um argumento nessa razão. O Mário, acho que tem razão no seguinte, porque ele pegou já com aquilo ali, acho que talvez o mais lógico fosse... Agora, o jornal... O *ombudsmanato*, para funcionar de fato, ele tem que ser uma coisa assumida pela direção do jornal, é uma coisa concedida, vamos dizer assim. O jornal que tem um instrumento daquele, ele vai ter mais transparência, mais canais de crítica, que se ele tiver reflexão e boa vontade ele vai levar aquilo em conta e também tem a função de diminuir o atrito com o leitor na Justiça, você vai resolvendo os casos por ali, também tem essa função. Mas o que define, o que dá o caráter de *ombudsman*, seja para jornal ou qualquer coisa, não é necessariamente você ter crítica interna e mais ainda ela pública, porque... Eu convivi, fui diretor inclusive da Organização Internacional de Ombudsman durante dois mandatos. Em nenhum jornal do mundo, o *ombudsman* tem uma coluna, mais atendimento de leitor e mais fazer uma crítica interna diária, como a *Folha de São Paulo* tem, ninguém faz essa crítica interna, nenhum jornal faz essa crítica interna, só a *Folha de São Paulo*. O que define o *ombudsman* no mundo inteiro, o *ombudsman* de imprensa no mundo inteiro, é primeiro, o fato de ele ter total autonomia, embora



seja indicado e pago pelo patrão, ele tem total autonomia, ou seja, eu nunca submeti nada meu ao jornal. Essa análise, eles iam ver depois de publicado. Segundo, você tem que ter valores assumidos publicamente, explicitado. Você pode concordar ou não concordar com os valores, mas a *Folha* assim tinha "Sou pluralista, apartidária, moderna e crítica". Se você ferir algum desses princípios, eu estou à vontade de te criticar porque você não está seguindo. Agora, se eu sou um jornal de um partido, PMDB, eu sou *ombudsman* desse jornal, eu não posso dizer que o jornal está sendo partidário, ele é um jornal partidário, não é um valor que ele está defendendo. Tem essa coisa do valor. E a outra coisa, é o seguinte, você tem que ter um espaço público para manifestar a sua opinião crítica. Esse espaço público tem que ser garantido. Por exemplo, no caso jornal, você tem que ter uma coluna no jornal; se você tem televisão, você tem que ter um programa de televisão de *ombudsman*; se você é de rádio, tem que ter um programa de rádio. A experiência que a gente teve no Brasil de TV, que era a *TV Cultura*, com o Martins, embora ele fosse indicado como *ombudsman* e tentasse atuar como *ombudsman*, na verdade quando ele saiu, ele saiu frustrado porque não pôde exercer a função de *ombudsman* na sua plenitude porque a TV nunca deu para ele um programa de televisão. Então, enquanto ele não tinha um programa de televisão para ele expressar para o seu telespectador as suas críticas, você não pode ser considerado *ombudsman*. Os princípios maiores de *ombudsman* estão garantidos na *Folha de São Paulo*. O fato de ela não ter uma crítica interna, ela poderia nem ter crítica mais, não só a crítica interna aberta, ela pode não ter mais crítica, essa crítica diária, acabei, aboli. Isso não faz com que deixe de ser *ombudsman*. Agora, se amanhã ela falar assim "Não tem mais a coluna de domingo. Acabou a coluna de domingo", não tem mais *ombudsman*, acabou o *ombudsman*. Ninguém vai considerar aquilo ali. Pode-se chamar *ombudsman*, o jornal pode chamar *ombudsman*, mas aquilo não é considerado mais um *ombudsman*.

**Você foi presidente da Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo. Você acha que o jornalismo hoje está cada vez mais refém das investigações oficiais, como por exemplo, das CPIs?**

Não. Não é de hoje que ele está assim. Num determinado momento do histórico da reportagem investigativa no Brasil, você tem uma interrupção durante um período, de Ditadura Militar. A investigação jornalística se sofisticou muito enquanto técnica de apuração jornalística, com o uso de RAC [Reportagem Assistida por Computador], saber usar os recursos do computador, como planilha, banco de dados, foi se sofisticando. A preocupação com busca de documentação de prova

também foi ficando uma coisa cada vez mais forte nesse tipo de investigação. Nós fomos tendo exigências cada vez maiores em relação ao que é uma investigação jornalística. Essa evolução é lenta, você tem hoje poucos jornalistas no Brasil que são de fato jornalistas investigativos. Mas não porque os outros sejam ruins, mas é que há uma confusão muito grande de você falar assim: "Ah, o Ministério Público fez uma grande investigação e entregou para o jornalista. Aí eu peguei esse material, escrevi, eu sou jornalista investigativo". Não estou preocupado com isso. É o seguinte: você é um bom jornalista, você sabe [quando] aquele material é importante, tem que ser revelado, tem que estar nos jornais. Não se pode confundir isso com um jornalismo investigativo no sentido de que você mergulhou para tentar desvendar alguma coisa por conta própria, que seja importantíssima, que alguém esteja querendo ocultar. Isso é um pouco diferente. As duas coisas são fundamentais no jornalismo. Você vai para o noticiário, tudo que a Justiça está apurando, tudo que o MP [Ministério Público] está apurando, isso é fundamental. A gente pensava: "Não tem como não fazer isso". Jornalismo investigativo não é um juízo de valor sobre o que é ou não é importante; é mais do que isso, tem que ser mais do que isso. Então, em algum momento: "há uma evidência de que nós estamos maltratando os bolivianos, no Rio de Janeiro ou em São Paulo". Bom, você tem dois caminhos: acompanhar os inquéritos que o Ministério Público está fazendo sobre isso - isso é importantíssimo - ou correr atrás por outros meios, porque eu acho que o Ministério Público tem restrições para ir mais longe possível na denúncia ou na revelação das condições de trabalho, relações de trabalho dos bolivianos em São Paulo. Esse tipo de trabalho é muito difícil, vários jornalistas hoje estão mais capacitados do que já estivemos para fazer. Em todos os grandes jornais, você tem hoje um corpo de jornalistas bem preparados para isso, que sabem fazer isso direito, mas não é uma coisa disseminada ainda; não é uma coisa rotineira no Brasil. Por várias circunstâncias: por falta de experiência nossa; segundo, são apurações que exigem mais recursos, que exigem mais tempo. Mas se faz. Por exemplo, recentemente na *Folha de S. Paulo*, o Mário Magalhães ficou três meses mergulhado na questão dos canavieiros, dos trabalhadores de cana na "Califórnia Brasileira". Aí o jornal fez um caderno inteiro. Ali é uma grande reportagem investigativa de aprofundamento, o que você quiser adjetivar reportagem, ali está contemplado. Isso o *Estadão* também tem, *O Globo* também tem. A nossa preocupação quando a gente criou a ABRAJI [Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo] foi no sentido de que temos que melhorar a qualidade da apuração jornalística no Brasil, a qualidade da investigação jornalística. Não importa se seja a investigação, a reportagem investigativa ou a reportagem ou um noticiário. Não importa que seja caso de corrupção ou de polícia, que são os mais freqüentes nesse

tipo de investigação. Isso vale para Esporte, vale para Cultura, vale para Economia, em todas as áreas você tem um trabalho de investigação a ser feito muito grande e que isso exige técnicas próprias que você deve lembrar. Exige experiência, exige mergulho nos assuntos, conhecimento, especialização. Então, a fundação da ABRAJI, a formação da ABRAJI foi, a partir de um grupo grande de jornalistas experientes já, de várias redações do Brasil inteiro, que tinham esse intuito de fornecer condições para que a qualidade da apuração jornalística no Brasil melhore.

### **E quais são os desafios para que a qualidade da apuração melhore?**

Alguns eu já enumerei. Uma grande reportagem exige tempo para o repórter fazer isso, isso é custo. Algumas exigem viagem, nem todas, mas isso é custo. O que eu acho que é o problema maior é a própria crise que o meio está vivendo, porque quem faz mais reportagem investigativa são os jornais, as revistas também, um pouco. E televisão também faz alguma coisa... O Caco Barcellos, a *Globo* tem vários momentos, mesmo no *Jornal Nacional*, mesmo no noticiário, volta e meia eles têm coisas boas. O *Fantástico* tem excelentes jornalistas, [Eduardo] Faustini. Não existe um saudosismo assim: "Ah, em algum momento já se fez mais do que se faz hoje..." Isso é besteira, as pessoas não estão olhando direito para trás. Há uma evolução. Agora, a impressão que eu tenho é que essa evolução deveria ser em PG [progressão geométrica]. Você sai da década de 70 amarrado. Aí você consegue começar a ter alguma coisa, vai furando. Aí década de 80 você começa a ir, apanha, erra "pra burro", faz denunciismo, volta, melhora. A curva é ascendente, a gente está muito melhor do que já foi. Não estamos assim por vivermos uma crise dos jornais em 2004, 2005, 2006 e só recentemente estamos nos recuperando. Isso mata, porque é menos papel, muita demissão. As demissões que a *Folha* fez, por exemplo, em 2004, pegou muitos jornalistas experientes. Aliás, a maioria dos que foram naquela ocasião, foram jornalistas experientes, especializados. Outra coisa: acho que era uma crise de identidade nos meios "Que jornalismo nós vamos fazer? É um jornalismo de serviço? É um jornalismo de entretenimento? Nós vamos imitar televisão? Nós vamos imitar a revista *Caras*? Nós vamos imitar *Celebridades*?". Então, isso tudo, de alguma maneira, os jornais têm que dar conta. *Globo*, *Folha*, *Estado* têm que dar conta de um cardápio muito maior e um cardápio, de certa maneira, contraditório dentro deles. Você tem que atender, simultaneamente, ao acompanhamento praticamente em tempo real e com informações xclusivas das políticas que estão "rolando": políticas sociais, políticas econômicas etc. Você tem um campo grande de investigação esperando para ser investigado. Botar uma lupa ali, uma lanterna para iluminar. Você tem um jornalismo de serviço: as pessoas querem comprar um jornal que seja útil para

elas. E tem o jornalismo de entretenimento, celebridade. De entretenimento e – separado – de celebridade, que forma uma pressão muito grande sobre os jornais. E é o mesmo jornal, mesmo número de papel, mesmo número de jornalistas. Então, há um embate, um embate... Quer dizer, embora os grandes jornais digam o tempo todo que o caminho dos grandes jornais, o futuro dos grandes jornais são jornais mais inteligentes, analíticos, de aprofundamento, de contextualização, de complementação daquilo que nem a Internet nem a televisão conseguem fazer. Embora todos tenham clareza em relação a isso, na verdade, todos têm dificuldade de executar isso, porque a pressão do mercado é muito grande para um monte de coisas, simultaneamente. Então, você pega um jornal como a *Folha*, parece coisa de maluco, porque você tem desde uma grande reportagem de denúncia, de investigação; tem o acompanhamento diário do noticiário todo; você tem um monte de serviço; tem ali o equilíbrio para a vida saudável do cara, para o bolso do cara e você tem ali os bastidores do Festival Rio, Festival de Cinema, não sei o quê lá; o “furinho” quem está “comendo” quem, quem está namorando quem; novela, televisão. É disso que eles têm que dar conta. Se fosse fazer Cultura, Economia, tudo com esse ponto de vista de aprofundamento, contextualização, análise”, seria tranquilo. Mas seria até mais caro fazer um jornal desse, porque exige que você tenha um corpo de jornalistas - talvez até menor do que tem hoje -muito mais bem pago. Porque você tem que pegar os melhores, aqueles caras que têm capacidade de fazer qualquer cobertura e dali você ter uma história daquilo, você ter uma contextualização. Isso daí é mais caro, porque você exige. Então, acho que esse é um grande drama que vai afetar de alguma maneira – e vem afetando – a reportagem investigativa. Há quem defenda, nos Estados Unidos, que a reportagem investigativa tem custo-benefício muito favorável para os jornais. Quem faz, acaba lucrando com isso. Mas eu acho que é muito mais uma “força” nossa para vender para os nossos patrões a idéia de que o jornalismo investigativo dá lucro, cria a imagem do jornal, etc. do que propriamente verdade. Embora, acho que alguns jornais têm comprovado que você apostar na qualidade, como *The Guardian*, como *El País* acabe comprovando que você possa ter um retorno. Mas no Brasil, eu acho que a gente vive esse drama, essa crise de identidade, a concorrência é muito acirrada, você não sabe bem o que vai acontecer, qual é o futuro do jornal papel.

**No segundo Congresso da ABRAJI, em São Paulo, você falou sobre os cinco fundamentos da reportagem. Quais são eles?**

Bom, isso aí é um ponto de vista meu, não é dogma, não é modelo, nada. Cada um tenta entender, explicar, pensar a apuração de uma maneira diferente. E o intuito

dessa oficina que eu tenho dado é exatamente chamar a atenção dos repórteres novos ou antigos para a importância de ter um trabalho consciente de apuração. Não achar que a apuração é uma coisa que está no DNA, que você faz de qualquer maneira, ou que nascemos sabendo apurar, nada disso. É uma coisa que você tem, e tendo consciência, você vai melhorar. Tento separar alguns fundamentos para ajudar nessa reflexão. São fundamentos que não têm uma ordem hierárquica. É você pensar que para uma boa apuração jornalística você tem que, hoje, cada vez mais, pesquisar, obter conhecimento, de dominar conhecimento, aprofundar conhecimento, quer dizer, estudar de alguma maneira. Porque você tem um leitor, um telespectador cada vez mais exigente. Você não tem mais, hoje, como cobrir o Pré-Sal sem conhecer Geologia, tecnologia, matriz energética, exportação e importação. Se o cara que está cobrindo não mergulha nisso, não tem um conhecimento grande, ele não vai falar para ninguém, porque ele vai se desmoralizar, o jornal amanhã vai sair com uma matéria que qualquer empresário que ler aquilo vai dizer "Pô, esse jornal é...". A idéia de pesquisa não é como a gente entendia antigamente, de chegar lá e "Ah, eu vou fazer uma 'suíte'. Então deixa eu ver o que aconteceu ontem" ou ler o jornal de hoje para fazer uma pergunta – não, não é isso. É você conhecer de fato os assunto que você está tratando, porque é um leitor que não aceita mais a superficialidade. Então, esse é um fundamento: você dominar, conhecer bem. Outro fundamento é da observação, para trazer para a reportagem o teu testemunho. Então, eu cito muito aquela origem do próprio jornalismo, quando a gente lembra o lema do *Repórter Esso* – Testemunha Ocular da História. Isso praticamente acabou no jornalismo por várias razões: porque o jornalismo precisou ter um texto mais padronizado, precisou sair daquele texto impressionista, ser mais objetivo e, de alguma maneira, isso resultou que fomos "podando" a nossa capacidade de trazer para a apuração jornalística a observação. Então você vê, às vezes, matéria de página inteira, que o repórter vai para um local, vai cobrir as favelas nos morros de Angra dos Reis. E a matéria tem uma página inteira e não tem uma observação. É como se o cara tivesse ficado na redação, tudo que ele vai dizer ali é da boca de alguém: "Segundo o prefeito, tem muita favela". Ele está vendo a favela na cara dele, no morro, e ele vai escrever lá "Segundo o prefeito, tem muita favela em Angra", "De acordo com fulano de tal, especialista tal". Então, essa observação acabou sendo massacrada. Quando bem feita, é uma dádiva para o leitor, porque o leitor vai entrar naquilo ali. A outra é a questão de como saber fazer bem entrevista. Um desvio do nosso jornalismo, exatamente por não ter muita observação de nada, foi se tornar um jornalismo "de aspas", declaratório. Nesse fundamento, eu tento conscientizar de que cada entrevista é diferente. Uma coisa é você fazer uma entrevista para fazer um perfil,

outra coisa é você fazer uma entrevista para se aprofundar num assunto, outra coisa é você fazer uma entrevista para colocar um cara "no pau de arara" para arrancar alguma informação dele. Enfim, se você não se preparar bem para essas entrevistas, se você não tiver um grande conhecimento do assunto que você vai tratar com o cara, você vai ser engabelado e aí é essa coisa ridícula que a gente vê de vez em quando, que o cara reproduz o que o outro disse de uma maneira mecânica. E [outro fundamento é] a documentação, que é uma coisa também que a gente tem pouca prática, pouca experiência, pouca história de uso no Brasil de documento, de prova. Isso aqui é uma certidão, isso aqui é um documento, isso aqui é um certificado, é um boletim. Tem um aprendizado grande para você se forçar a buscar prova, a buscar documento, para você não ficar refém da declaração. E o quinto é a checagem, ou seja, você, no final... Mas é uma coisa que eu bolei ali, que eu tenho dado e tudo, mas com a idéia de obrigar a pensar a apuração jornalística, não pensar que ela é uma coisa automática.

**Como você vê essa iniciativa de recuperar a memória do jornalismo, através do depoimento dos profissionais?**

Eu acho importantíssimo não só pela questão do histórico, de recuperar o histórico, mas da possibilidade de você ter documentado como nós trabalhávamos, como se trabalhava, como é essa evolução. Então, eu, pessoalmente, tenho muita curiosidade disso. De vez em quando, eu pego um bom jornalista antigo, sento com ele e gravo "Como é que você fazia isso? Nessa época, como é que você se informava disso? Como é que você se preparou para cobrir Cidade, naquela época?". Eu tenho uma curiosidade muito grande e acho que esse é um legado que se pode deixar. Porque uma das características do nosso jornalismo – e a ABRAJI entra também com essa perspectiva de romper com isso – é o isolamento, é a idéia de que eu sou um *cowboy*, eu sou um jornalista, então eu vou sozinho, eu apuro, eu faço. E eu não revelo nada, porque eu vou estar dando o "caminho das pedras". O medo, o problema não é revelar o "caminho das pedras", mas sim revelar suas mazelas. Porque todos nós, numa apuração, cometemos erros, tropeçamos. Aquela coisa do caipira: "Vocês vêem as pingas que eu bebo, mas não vêem os tombos que eu levo". Todos nós vamos tropeçando, cometemos erros. Para encontrar uma informação, nós fizemos isso, isso e isso. As pessoas não revelam. A ABRAJI, um dos objetivos nossos é a gente expor assim: "Como eu apurei isso? Eu apurei isso 'assim, assim, assado', quebrei a cara nisso". O outro não vai quebrar a cara. Vai falar assim: "Mas eu estou ensinando 'caminho das pedras'". É isso mesmo, você vai ensinar "caminho das pedras", porque se todo mundo melhorar a apuração, o jornalismo vai melhorar. Se você crescer, todo mundo vai crescer junto. Então,

essa idéia de você ter depoimentos de pessoas que transmitam não só essa experiência histórica, essa passagem histórica, mas o modo de fazer, o modo de produzir do jornalismo, que tem uma evolução, que está em evolução também e que é algo que, eu acho, que deveria ser disseminado. As pessoas novas estão chegando. Saber como o [Ricardo] Kotscho fez a apuração da matéria das mordomias em 76, no *Estadão* é História, mas isso também é uma base para a gente melhorar, crescer, não ter que repetir erro. Eu acho que esses depoimentos, seja sob o ponto de vista da linha cronológica da História, da história da modernização dos meios, da história das redações, das histórias individuais. Também há um lado de permitir que, com isso, você fique com um banco de dados de informações. Futuros estudantes, futuros jornalistas poderão se debruçar sobre como já foi, para avançar, para melhorar.